



Trabalho 2350

**AS CONCEPÇÕES SOBRE SAÚDE COLETIVA DOS DOCENTES DE
UMA FACULDADE DE ENFERMAGEM DE MOSSORÓ/RN**

Rodrigo Jacob Moreira de Freitas¹

João Bosco Filho²

Kalyane Kelly Duarte de Oliveira³

Thea Luana Fernandes Morais⁴

Arthur Dyego de Morais Torres⁴

Renata Jakeline Moreira de Freitas⁵

Introdução: Reconhecemos a Saúde Coletiva como um espaço para a construção de ações em saúde epidemiologicamente orientadas, compartilhadas com uma clínica ampliada, na qual pode ser possível abrir uma brecha para que se possa estabelecer conexões com outros saberes que expressam a forma de pensamento da sociedade¹. Pensada dessa forma, ela aparece enquanto espaço contra-hegemônico de resistência ao modelo neoliberal em saúde, que influencia e degrada a clínica tradicional, esta última, entendida como modelo assistencial e de processo de cuidado que se utiliza da clínica centrada no procedimento, onde o que mais importa são o diagnóstico e a prescrição de uma terapêutica que “resolva” o problema, que neste caso é estritamente biológico e fragmentador². A importância do campo da Saúde Coletiva se evidenciou a partir dos anos de 1970 na América Latina tendo sua história marcada por lutas na construção de uma nova postura política, e que não poupa esforços em apontar e buscar soluções para os problemas sociais³. Como contribuições desse campo de saber, podemos citar os estudos em epidemiologia crítica, os avanços para implementação e efetivação do SUS³. Ainda na década de 1970/1980, com a reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) dos cursos da área da saúde, muitas grades curriculares do curso de enfermagem passaram por modificações teórico-metodológicas, incorporando a Saúde Coletiva enquanto eixo estruturante dessas reformulações. Assim, se esse campo assume esse importante papel na formação em saúde/enfermagem, nesse sentido, questionou-se: Como a Saúde Coletiva é compreendida pelo corpo docente nas suas diversas áreas de atuação no âmbito universitário? **Objetivo:** O estudo teve por objetivo conhecer as concepções de Saúde Coletiva presentes no contexto de trabalho dos docentes universitários, bem como essas concepções se materializam no processo de formação em saúde/enfermagem. **Metodologia:** Caracterizada como uma pesquisa qualitativa, ancorada nas bases metodológicas das ciências da complexidade. A inserção no campo se deu no espaço da Faculdade de Enfermagem – FAEN, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, no município de Mossoró/RN, por se fazer presente e marcante as discussões em Saúde Coletiva no âmbito da formação. Os colaboradores, docentes da FAEN, foram identificados a partir de sua inserção nos grupos de trabalhos, grupo das disciplinas biológicas e clínicas, grupo das disciplinas relacionadas à saúde da criança e da mulher, e o próprio grupo das disciplinas de epidemiologia e Saúde Coletiva. Estabeleceu-se como critérios de inclusão: ser docente efetivo da FAEN/UERN. Excluiu-se da pesquisa os docentes de caráter substitutivo. A amostra foi composta de 10 docentes de diferentes áreas de atuação, sendo-lhes entregue uma carta-convite e confirmada através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Utilizou-se enquanto técnica principal de construção

¹ Enfermeiro Especialista em Enfermagem do Trabalho, Docente de Nível Superior da Universidade Potiguar – UnP. Enfermeiro da Estratégia Saúde da Família no município de Apodi-RN. rojmflegal@hotmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010). Possui graduação em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1996). Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (2002). Atualmente é professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no Curso de Ciências da Religião - Campus Natal e professor do Curso de Enfermagem da Universidade Potiguar - UNP.

³ Enfermeira Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte – UFRN. Docente de Nível Superior da Universidade Potiguar – UnP.

⁴ Enfermeiro especialista, Docente de Nível Superior da Universidade Potiguar – UnP.

⁵ Discente do 5º período do curso de enfermagem da Universidade Potiguar – UnP.



Trabalho 2350

de dados o Grupo Focal, complementados pela entrevista semi-estruturada. As falas foram gravadas em MP4, transcritas e transcriadas, sendo mantido o sigilo dos sujeitos participantes, e confrontadas com o referencial teórico de alguns autores como Breilh (2006), Carvalho (2006), Ceccim (2006), Campos (2007), Nunes (2006), Vasconcelos (2006), num exercício complexo de recursividade. Analisou-se os dados pela técnica de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Após a leitura dos dados percebemos que a compreensão de Saúde Coletiva na FAEN tem pontos de convergência e divergência entre os grupos, existe alguns avanços na formação, como a construção de um enfermeiro crítico e reflexivo, que procura modificar a realidade na qual está inserido. A Saúde Coletiva ainda é vista de maneira disciplinar pelos docentes, sendo confundida com disciplinas de mesmo nome. Essa fragmentação traz o enfraquecimento do movimento das discussões em Saúde Coletiva durante o processo de formação na FAEN, visto que no momento do 3º, 4º e 6º período elas aparecem nas disciplinas de Epidemiologia, Saúde Coletiva e Temas Avançados em Saúde Coletiva, respectivamente, e depois, ao não serem assumidas nos discursos da maioria dos outros professores, aparecem como apêndices das demais discussões, de forma pontual, assumida por professores que compreendem a importância de articulação de conhecimentos, entretanto, a mesma não vai ser discutida como uma base teórica importante para se compreender o processo saúde/doença dos indivíduos e coletividades humanas. Há ainda uma divisão entre os saberes necessários para a formação em saúde/enfermagem, fragmentando a formação em saberes ditos clínicos e os saberes ditos de Saúde Coletiva. Essa divisão tem dificultado a articulação entre as disciplinas, impossibilitando uma proposta interdisciplinar, presente na proposta curricular e nas discussões em sala de aula, mas distante de ser efetivada na prática. A Saúde Coletiva é também vista pelos docentes enquanto espaço de discussão teórica, desvinculando uma importante característica da própria saúde coletiva que é partir de uma práxis e ser/estar sempre enquanto espaço vivo, em movimento, em construção. Ainda se percebe muitos entraves no que diz respeito à compreensão de saúde coletiva e a própria clínica, sendo necessário repensar esse processo, se alimentando de novos saberes, para que a saúde coletiva não seja apenas um discurso político-ideológico, mas que seja efetivado enquanto campo de práxis, e possibilite instrumentos que consigam contribuir com um processo de reorganização dos serviços de saúde, que acontecem no universo do projeto neoliberal. **Conclusões:** Para se lograr atenção integral é necessário reformular e ampliar a clínica e a saúde coletiva ao mesmo tempo, uma interagindo sobre a outra. É urgente uma relação dialógica na qual a parte e o todo sejam compreendidos como movimentos de um mesmo processo, entretanto, o todo não pode ser compreendido como as somas das partes, mas sim como a sua interação. Dessa forma, podemos concluir que torna-se urgente a efetivação do diálogo entre os diversos campos de conhecimento presente na FAEN, possibilitando assim que novos saberes possam contribuir com o processo de mudança tão importante e necessário à formação. **Contribuições:** Nossa pesquisa contribui ao apontar a necessidade e perspectiva de criarmos novos caminhos, novas reflexões, para avançarmos na compreensão de saúde coletiva, e da forma como ela se materializa na prática, e não apenas nos discursos. O espaço da FAEN deixa claro que tais saberes são salutares à formação do enfermeiro crítico-reflexivo no qual nos propomos formar, ao mesmo tempo em que, urge necessidades/demandas gritantes ao se trabalhar essas compreensões dentro desse processo, onde co-habitam diversas visões de mundo, diferentes sujeitos de desejos e interesses também diferentes. **Referências:** 1.Almeida MC, Bosco Filho J. Epistemologia complexa, saberes da tradição e Ciências da Saúde. In: Almeida C, Petraglia I. (Orgs.). Estudos de Complexidade 3. São Paulo: Xama; 2009. p. 123 – 136. 2.Campos RO. Clínica: a palavra negada – sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de Saúde Mental. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, 2001 maio/ago; 25(58): 98-111. 3.Breilh J. Epidemiologia Crítica: ciência emancipadora e interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. **Descritores:** Saúde Pública. Prática do docente de Enfermagem. Pesquisa em Educação de Enfermagem. **Eixo IV** - Formação em Enfermagem e as políticas sociais.